O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas 1$600, ou 1$300 pagos em Aveiro. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.—*Numero avulso, 20 réis.*
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 11 DE DEZEMBRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 rs. a linha. Pagina d'annuncios — 40 rs. a linha. A linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro.*
EDITOR — Manuel Christo

Nº 1:388

A Republica de Lisboa

Em toda a parte as democracias teem o gravissimo defeito, assignalado, já, pelos mais eminentes publicistas e pelos mais eminentes pensadores, de *cortarem a cabeça* aos homens de mais alto valor. As democracias derribam tudo quanto é grande. As democracias só elevam as mediocridades, os insignificantes. Repetimos: isto é um facto registado por todos os escriptores. Mas que o não fosse. Bastaria olhar, observar, para o reconhecer.

A grande revolução franceza não tinha *um homem* ao fim de quatro annos. Havia subido, *tudo*, os degraus da guilhotina. Gambetta nunca conseguiu ser presidente da republica e nem sequer *aguentar-se* como presidente do conselho. Ferry, guerreado mortalmente, nunca conseguiu ser presidente da republica. Clemenceau só depois de velho foi ministro e presidente do conselho. E assim por deante. Os presidentes da Republica, em França, teem sido, sempre, ou figuras de segunda ordem, com excepção de Thiers, ou verdadeiras nullidades.

Não é d'extranhar, pois, que o partido republicano portuguez, ou se tenha incompatibilisado com elles, ou não haja, nunca, attrahido os poucos, pouquissimos homens de merito real que teem surgido na vida publica portugueza. Mas seja como for, a verdade é que elle é composto, em regra, não obstante as affirmações rhetoricas, exaggeradissimas, estupendas, do elogio mutuo, de figuras de segunda ordem, de mediocridades, de nullidades, e até, permitta-se-nos o termo, de verdadeiras cavalgaduras.

Assim, não nos admira que elle tenha feito, conseguido e demonstrado, ao fim de dois mezes de poder, as coisas mais assombrosas. Por exemplo: que a nação não comprehende a republica, que não está preparada para a republica, emfim, que não é republicana. Isto é assombroso. Nem por isso deixa de ser d'uma exactidão rigorosa.

O governo ameaça expulsar os jornalistas extrangeiros, que se atrevem a não mandar dizer para os seus jornaes *só o que o elle quer.* Até onde chegará essa ameaça, não sabemos. Mas se chegar a ser cumprida, quer-nos parecer que temos grossa carrapata *pela prôa.*

Os jornalistas extrangeiros praticaram até aqui uma imbecilidade ou uma traição sem precedentes. Ainda n'outro dia o director do *Times*, que quer primar por ser o jornal mais bem informado do mundo. Para pôrem *imparcialmente* ao corrente das coisas portuguezas os seus leitores, iam ouvir o nosso Bombardino e outras figuras *eminentes* da republica!

Nem sequer ouviam os republicanos e os monarchicos, os homens publicos de differentes opiniões e procedencias. Ouviam Affonso Costa, Bernardino Machado, Brito Camacho, não sabemos se França Borges, o illustre Trilho e o grande Derouet. E prompto. *Matin* e outros informavam o mundo, d'esse modo, com *rigorosa verdade*, sobre as coisas portuguezas!

Uma burla. Uma torpe falsificação. Uma traição profissional. Uma verdadeira indecencia.

Ao que parece, desviaram-se alguns *d'essa regra*, ultimamente. Viram, observaram, e tiraram conclusões suas. Provavelmente exactas. Não temos lido. Mas vamos jurar que eram exactas, essas. Pois vão ser expulsos! Tal é a liberdade de critica, de pensamento, d'apreciação, d'imprensa, concedida aos proprios extrangeiros pela republica portugueza. Sem que os homens do governo se lembrem de que os extrangeiros commentarão a todo o mundo: quando aquillo é comnosco, que podemos *repontar*, que fará com os pobres portuguezes!

Os pobres portuguezes vão para o Limoeiro, como foi o director d'este semanario e o padre Benevenuto.

Mas que importa o governo expulsar os jornalistas extrangeiros, se fica entre nós o corpo diplomatico, pelo menos? O corpo diplomatico e... elles?

Elles dizem tudo. Não é necessario que o digam os jornalistas da opposição, que são dois ou tres, por junto, e os jornalistas extrangeiros. Elles dizem tudo. Dizem-no ao corpo diplomatico, dizem-no á colonia hespanhola, á colonia ingleza, á colonia allemã, á colonia brazileira, a todo o mundo.

Na sua famosa imbecilidade, elles dizem tudo. Quem muito fala muito erra, diz o proverbio. Ora elles falam pelos cotovellos. São entrevistas, sobre entrevistas, a cada momento. São opiniões sobre tudo. São narrações de tudo. Tudo quer falar! Tudo quer dizer! E fervilha o disparate, a imbecilidade, a asneira, a mais espantosa leviandade e a mais crassa estupidez.

Assim, elles dizem ao corpo diplomatico que os observa, que os estuda, que os contempla, que não fazem eleições por causa do cacique. Isto é, porque teem medo do cacique. Porque, eleitoralmente, receiam o cacique.

Elles dizem, ainda no domingo o proclamaram no *Seculo* bem alto, que, antes do acto eleitoral, irão *republicanisar* o paiz. Quer dizer, elles proclamam ao mundo, elles annunciam ao mundo, por todas as formas, ao mundo que os vigia e os escuta com os olhos e pela orelha dos seus ministros em Lisboa, que a nação não era tal republicana, como elles affirmavam no tempo da monarchia. Que a nação não estava tal preparada para a republica. Que a nação não se entende com republica. Que a nação não percebe nada de republica. Que elles só teem verdadeira força em Lisboa. Que, fóra de Lisboa, estão como o peixinho fóra de agua. Que isto de republica foi uma aventura, um simples pronunciamento militar, uma revolta de caserna. Emfim, que não proclamaram a republica portugueza, mas apenas a republica de Lisboa.

São elles que o dizem. Abertamente o dizem. Imbecilmente? Sem duvida. Com a mais espantosa imbecilidade. Mas abertamente o dizem!

E não é só França Borges, Derouet ou Carlos Trilho. Quem o tem dicto com mais persistencia e clareza tem sido o cidadão Brito Camacho, illustre ministro das obras publicas.

Bastaria isso para mostrar a nullidade do redactor da *Lucta*. Um homem habil procuraria esconder essa terrivel fraqueza da republica. Um homem habil attrahiria, para o dominar, para o manejar, o cacique. Mas não deixaria patente, a olhos extranhos, o cacique. Mas não gritaria, altisonante: *Fóra o cacique!* Mas não proclamaria que a republica não pode ser republica com o cacique.

O cacique é um facto. E' um elemento positivo da vida portugueza. Fatal. Irremediavel. O cacique é um producto do nosso atrazo, simplesmente. O cacique só se vence com o tempo. Com a instrucção, com a educação, com a moralisação dos costumes, que é o mesmo que dizer: com o tempo. Momentaneamente, pode-se, quando muito, submetter. Pode-se dominar. Attrahir. Amaciar. Guiar. Canalisar. Mas não se annulla. Não se vence.

O que tem opposto a republica ao cacique? Tem-lhe opposto as commissões parochiaes e as commissões municipaes, organisação da vida intima da republica. Isto é, oppoz a oligarchia de baixo á oligarchia de cima.

O cacique representava a oligarchia dos ricos, dos poderosos, dos influentes. Das classes dominantes. Das classes dirigentes. As commissões parochiaes e a commissão municipal representam a oligarchia da canalha, que nem se pode dizer a *oligarchia das ruas.* E nem se pode dizer a oligarchia das ruas, porque o povo prefere, por sentimentos varios, a oligarchia das classes superiores.

A *oligarchia de cima* era a ordem na desordem. Era, no meio da nossa desorganisação geral, uma força de aggregação e de ponderação. A *oligarchia de baixo* é a desordem na anarchia. E' uma força de desaggregação e de pulverisação. E' uma verdadeira tyrannia.

O paiz está entregue á mais extraordinaria desordem. Na republica de Lisboa só ha Lisboa. Fóra de Lisboa não ha monarchia nem republica. Ha uma demagogia irritante, uma tyrannia insupportavel, uma desordem que conduz, fatalmente, em pouco tempo, á guerra civil.

O partido republicano em Lisboa tinha quadros. A republica poude recorrer, ahi, a esses quadros. O partido republicano em Lisboa tinha força. A republica poude-se apoiar, ahi, n'essa força. Mas fóra de Lisboa falhavam os quadros, fóra de Lisboa o partido republicano tinha, em geral, pouca força, e a republica quiz fazer com o resto do paiz o que fazia em Lisboa.

A republica não teve outra atmosphera, outra inspiração, outra orientação, outro guia, outra lei, senão Lisboa. D'ahi a lei do divorcio, que só se discutia em Lisboa. D'ahi a lei do inquilinato, para agradar aos inquilinos de Lisboa. D'ahi uma coisa impossivel, porque em Portugal ou ha Republica portugueza ou não pode subsistir a Republica de Lisboa.

Imbecis, que nem souberam preparar a republica, nem souberam, nem sabem consolidar a republica!

Por um conjuncto feliz de circumstancias, a republica foi recebida sem a menor resistencia no interior e sem a menor resistencia no exterior. O paiz estava farto *de não ter governo.* Alem d'uma vida de desordem perenne desde 1890, o reinado de D. Manuel accentuou-se pela mais absoluta falta de governo. Isso aborreceu o paiz e aborreceu o extrangeiro. Tanto o paiz como o extrangeiro sentiram-se nauseados com uma administração immoralissima, a que não se via termo nem vergonha. Um dia surgiu a noticia da proclamação da republica, já *esperada*, já *prevista.* E o paiz, e o extrangeiro, encolheram os hombros, clamando *una voce:* «Cahiu a monarchia? Pois teve a sorte que merecia.»

O que era preciso, para que a republica convertesse essa expectativa benevolente, de nacionaes e extrangeiros, em decidida sympathia? Que a republica não revelasse um só dos defeitos capitaes que afundaram a monarchia. Que a republica estabelecesse a paz, de que tão necessitado andava este paiz. Que a republica firmasse a ordem, pois que a desordem em que vinhamos tornava impossivel toda a vida regular do commercio, da industria, da agricultura, e da propria politica. Que a republica désse provas de abnegação, de desprendimento, d'austeridade, não mostrando, nem de longe, tendencias a lançar-se na mesma corrente de desmoralisação e nepotismo. Que a republica não apparecesse com ministros de corrilho, armando á popularidade, miseravelmente, mesquinhamente jacobinos, romanticos, idealistas, tacanhos, parvos, imbecis. Emfim, que a republica repetisse aquelle symbolo admiravel em que a mãe volta docemente para o lado a cabeça de seu filho menino a fim de que, sem lhe despertar o ciume, possa dar de mamar aos extranhos, que precisam, como elle, d'alimento, de carinho, d'amor e de justiça.

Foi isso o que fez a republica? A republica fez isso? Não. A republica, n'estes dois mezes decorridos, fez a mais asnatica e a mais impolitica de todas as obras politicas conhecidas. A republica repelliu brutalmente o cacique monarchico que se lhe offerecia manso, vencido, prompto a ser dominado e dirigido, não para acabar com os caciques mas para substituir ao cacique monarchico,—a quem d'essa fórma revoltava, espicaçava, estimulava pelo ciume, dando-lhe a consciencia obliterada da propria força,—*o seu cacique.* A republica arrancava o emprego ao cacique, não para acabar com o emprego ou justamente castigar esse cacique, mas para, n'um vergonhoso nepotismo, servir o irmão, o tio, o sobrinho, o creado, o amigalhaço ou o primo. A republica legislou a esmo, á toa, sem nenhuma consideração por preconceitos tradiccionaes, por seculares interesses, por velhos mas arreigados costumes, pelos mais elementares principios d'equidade e de bom senso, arrastada n'uma onda vertiginosa de vaidade, de falso prurido de liberdade, de burlesco nephelibatismo. A republica submetteu as classes cultas, as classes ricas, as classes dirigentes, a burguezia, cidades, villas, districtos, provincias inteiras, ao mando insolente do villão com a vara na mão, ao garoto de pé descalço, á escoria social, isto é ao Maduro, ao Trinta, ao Espanta Mortos, ao Palma da Electrica, symbolos de uma demagogia idiota, apelintrada, prostituida, repugnante, suja, vil. A republica estabeleceu a mais feroz das oligarchias, a mais perigosa das tyrannias: a da commissão municipal a organisar listas de proscripção, de demissão, de perseguição, porque o escrivão de fazenda, embora cidadão probo e funccionario dignissimo, o recebedor, o juiz, o empregado dos correios e dos telegraphos, todo e qualquer funccionario, desagradara ao primo do demagogo de tripeça, ou á prima, ou á tia, ou á visinha, ou porque tinha dito mal do demagogo no tempo de Moysés, ou porque tinha deixado de comprar botas ao demagogo para as ir comprar em outra parte, emfim, por motivos miseraveis, mesquinhos, pequeninos, abjectamente pequeninos, sendo certo que a par d'essa intolerancia vergonhosa e revoltante se erguia, fresco, ainda, na memoria de todos, o exemplo da mais extraordinaria tolerancia, mesmo criminosa, mesmo estupida tolerancia, dado hontem pela monarchia.

O que havia de surgir d'aqui? O espanto, primeiro. O medo, depois. Por fim a revolta, a indignação, a desconfiança, o retrahimento dos capitaes, a estagnação do trabalho, a desordem e, complemento final de todos esses attentados e dislates, a guerra civil.

Tem-a! Ou a republica muda de processos quanto antes, ou, quando menos o esperar, rebenta uma desordem aqui, outra alli, outra alem, simultaneamente em Traz os Montes, no Minho, nas Beiras, no Douro, no Alemtejo, em toda a parte. Não resultado ou fructo de conspirações. Não coisa tenebrosamente combinada. Mas uma explosão d'essa anarchia, essa indisciplina, esse mal estar, esse descontentamento que se vae sentindo e alastrando por todo o paiz.

E' um homem, que foi accusado ainda hontem de conspirar contra a republica, quem, por amor da republica e do paiz, para salvar a republica e o paiz, solta hoje d'aqui este brado d'alerta, enviando ás creaturas do governo este conselho e este aviso:

Ponham cobro a essa mania de legislar a eito e á toa. Reunam quanto antes a Constituinte. Não continuem a ceder ás pressões das tribunecas que se chamam commissões municipaes e que se guiam, em geral, por sentimentos mesquinhos. Façam entrar quanto antes a nação na sua vida normal de trabalho e de constitucionalismo. Acabem com essa preferencia excessiva dada á politica, que foi o que matou a monarchia. Ou o extrangeiro, já desconfiado e retrahido, ou o nacional de dinheiro, não menos desconfiado e não menos retrahido, ou a plebe inculta, inconstante, indisciplinada, anarchisada, n'um esforço conjugado, ainda que sem ser combinado, atiram, amanhã, abaixo tudo isto.

Acabem com a Republica de Lisboa!
Fundem a Republica do paiz!
Ou estão perdidos.

Sob o titulo *Bandeiras da Revolução*, lê-se no *Mundo:*

O Sr. Machado dos Santos enviou hontem para os paços do conselho para serem guardadas no «museu revolucionario» as quatro bandeiras que serviram como symbolos da redempção da Patria ás forças revolucionarias nos dias 4 e 5 de outubro. Uma das bandeiras pertenceu ao corpo de marinheiros, outra ao cruzador «S. Raphael», outra esteve içada no quartel de artilharia 1 e finalmente a quarta foi aquella com que infantaria 16 atravessou a cidade e que esteve hasteada na Rotunda até á proclamação da Republica.

Isto em terceira pagina, n'um cantinho, como que por favor, em tom quasi que desprezador, por assim dizer ennergonhando-se do acto reles que estava praticando!

E em primeira pagina, titulo bombastico, grandes parangonas, a historia do coupé 44 e a apotheose do feito heroico do grande estadista e ex-grande parlamentar Affonso Costa!

E lembrar-se a gente que é da repugnante covardia dos outros que vivem estes typos!

O martyrio do nosso presidente!

O sr. Theophilo Braga, como toda a gente sabe, foi sempre um cidadão patriarchal. Não ia a theatros, não ia a jantares, não ia a recepções, emfim, a sua vida era toda ella casa e familia.

Pois agora já aturou a *bucha* da recepção solemne do ministro do Brazil. Por signal que se desempenhou d'essa *espiga* com a galhardia d'um cavalleiro da Ala dos Namorados, ao que nos dizem. Vae apanhar um jantar que lhe offerecem os *seus ministros.* E... não tem remedio senão ir ao baile do sr. ministro da Argentina!

Annuncia-se que o sr. ministro da Argentina vae dar um baile em honra da officialidade do *Sarmiento*, que já chegou ou está a chegar ao Tejo. Convida o ministerio e o chefe do governo, certamente. E o sr. Theophilo, se o obriga o protocollo — que eu não sei, sou pouco forte em protocollos — não tem remedio senão ir.

Francamente: uma quadrilha com o sr. Theophilo d'um lado e o cidadão Brito Camacho do outro, deve ser uma maravilha!

Parece — continuamos a pedir desculpa dos nossos erros provaveis em questões de protocollo — que na quadrilha de honra o sr. Theophilo Braga terá de dançar com a esposa do sr. ministro da Argentina, que dizem ser uma senhora distinctissima. Palavra de honra: eu dava dois annos da minha vida para ver esse espectaculo, sem ser visto!

Não bulam n'isso!

Houve uma festança em infantaria n.º 5, que metteu jantarada, discursos, não sabemos se toque de guitarra e fadinho.

Dizemos toque de guitarra e fadinho porque o sr. commandante d'aquelle regimento, o *Rei das Hervas*, era dantes, se não nos falha a memoria, o mais eximio cantador do fado que havia em Portugal e um dos nossos eximios guitarristas.

Seja como for, achamos dissolventes, perigosas, estas pandegas em regimentos. Muito perigosas!

A disciplina em Portugal, tanto a disciplina social como, restrictamente, a disciplina militar, não pode estar mais frouxa. Inaugurar o retrato do chefe do governo provisorio e o do ministro da guerra n'um quartel, está bem. Falar o coronel n'essa festa, está bem. Falar um dos ministros, seja qual for, —agora foi o ministro do interior— está bem. Seria melhor que falasse sempre, em festas militares, o ministro da guerra. E' a esse que compete faze-lo. Mas como é provavel que o sr. ministro da guerra não conheça a linguagem falada, e o sr. ministro do interior a conhece muito bem, o sr. ministro da guerra dando por si um rouxinol não fez sentir a sua falta, antes a troca deveria ter dado aos militares do 5 de infantaria um grande contentamento. O peor, porem, é que atraz do coronel e do ministro da guerra fala todo o *bicho careta.*

Ora eis o caso! Ora eis a pandega! Ora eis o perigo!

O perigo, em Portugal, é degenerar tudo em burlesco. Ora eis o perigo, eis o perigo!

Até falou o Derouet. Ora eis o perigo, eis o perigo!

Porque falou o Derouet? Porque é sobrinho do illustre *Rei das Hervas*, coronel do 5 d'infantaria. Ora eis o perigo, eis o perigo!

Primos e primas, e sobrinhos e sobrinhas em quarteis, e manos e manas, deram sempre um pessimo resultado.

Não bulam n'isso! Não brinquem com o fogo! Deixem os quarteis em paz! Olhem que o *pas de quatre* dançado em quarteis foi sempre contagioso. Atraz do *pas de quatre* vem o *can-can*, atraz do *can-can* vem o *maxixe* e atraz do *maxixe*... o illustre Derouet que diga o resto, se quizer.

Juizo!

Quem me avisa, meu amigo é.

Ave Cæsar!

A mediocridade é tamanha, tão espantosa a decadencia moral e intellectual dos *redemptores*, que eu pergunto a mim mesmo a toda a hora, e ás pessoas com quem succede falar sobre a direcção actual da politica portugueza, se não estaremos assistindo a um acto de loucura collectiva.

Não é uma pergunta infundada, pois sabe-se que a loucura revolucionaria é um facto assente, scientificamente caracterisado. Gustavo Le Bon, Cabanés, Tarde, muitos outros homens de sciencia, teem escripto paginas magnificas sobre essa allucinação, esse delirio, observado, atravez do tempo, em varias epochas revolucionarias.

Mas ha loucuras heroicas e ha loucuras d'entremez. Ha a embriaguez que diverte e faz rir e ha a embriaguez que horrorisa e faz fugir.

Em regra, o louco, como o bebedo, conservam na bebedeira e na loucura o fundo delicado ou grosseiro, suave ou brutal, pacifico ou sanguinario, genial ou boçal da sua normalidade.

N'essa loucura collectiva da grande revolução franceza ha, mesmo no crime, relampagos de tragica heroicidade, fulgores geniaes, traços d'epica grandeza que eternamente hão de assombrar a humanidade. Como n'esta loucura collectiva da revolução republicana portugueza ha gestos burlescos, emergencias grosseiras ou ridiculas, um revolutear de porcarias, idiotías e de farças, de paixões grosseiras, de sentimentos mesquinhos, por vezes miseraveis, que hão de assignalar, para sempre, a nossa inferioridade.

No penultimo domingo publicámos aqui, sob o titulo *A Vesania Nacional*, um trecho d'um artigo do orgão do ministro da justiça que desde logo reputámos assombroso como documento do delirio revolucionario. A gazeta do ministro inventou a comica e conhecida historia do coupé 44. E no dia immediato ousava attribuir honras de monumento nacional ao decantado trem de praça, reclamando-o para um museu como *preciosa reliquia historica!*

Isto bastaria para deixar patente, de fórma flagrante, não só a inconsciencia, a espantosa, a pavorosa inconsciencia do imbecil que escreveu aquellas phrases, do jornal que as acolheu e publicou, do ministro que não correu com uma vassoira os idiotas que o cobriam de ridiculo e opprobio, como do publico, que não encheu de rabos de papel o ministro que permittiu a acção indecorosa.

Isso bastaria. Porem logo no domingo immediato o supradicto orgão do ministro da justiça dava honras de primeira pagina á apotheose que um parvo alegre fizera em Agueda do cidadão Affonso Costa. Segundo o parvo alegre, o auctor da lei d'imprensa, do inquilinato e do divorcio era nem mais nem menos que o maior *legislador dos tempos modernos.*

Como se ainda não bastasse, o sempre famoso supradicto orgão, e não já elle, então, sómente, mas tambem o *Diario de Noticias* e outras gazetas que vão na esteira da jangada ministerial, publicavam no ultimo domingo a mensagem que os excursionistas d'Abrantes entregaram n'esse dia ao cidadão Affonso Costa e que começava, logo, por estas palavras: *Eminente Ministro da Justiça! Pombal do seculo XX!*

Ora isto é uma das muitas formas de attentar contra a dignidade nacional. Isto é uma das muitas formas de nos desprestigiar. Uma das muitas formas de nos cobrir de ridiculo.

Não ha nada peor que provocar o riso. Um homem nunca desce tanto como quando se dá ao desfructe. Ora o ministro da justiça dá-se ao desfructe acceitando como boas essas glorificações, essas exaltações estrondosas, essas apotheoses. Essas glorificações, essas exaltações, essas apotheoses fóra de todo o termo, de todo o limite, de toda a medida, de toda a regra.

Em Portugal não ha só portuguezes. Ha homens e mulheres de todo o mundo. Ha um corpo diplomatico. Quando inglezes e francezes, allemães e hespanhoes, italianos e russos, argentinos e brazileiros, chinezes e japonezes, cidadãos da livre America do Norte ou do despotico imperio de Marrocos se rirem do cidadão Affonso Costa, riem-se de Portugal, d'esta patria, porque Affonso Costa não é simplesmente Affonso Costa mas ministro da justiça, mas um dos mais altos representantes do Estado.

Dando de barato que fosse verdadeira a historia do coupé 44, o que provava ella? Que Affonso Costa, sem querer, sem o esperar, se viu mettido n'uma alhada.

Em que consistiu a heroicidade de Affonso Costa? Em se apressar a dizer ao cocheiro, logo que se viu em perigo: *Volta para traz senão senão estamos perdidos? Vê lá se podes dar a volta?*

Affonso Costa ia *dar fé*. Ver o que havia. Espreitar. Não ia disposto, de forma alguma, a combater pela republica e a patria. Ia tão pouco disposto a isso, estava tão pouco orientado sobre o plano revolucionario, que tomou como *inimigos* os soldados revoltados a favor da Republica. Logo que se suppoz cahido na bocca do lobo, gritou ao cocheiro: *Foje! Raspa-te!*

Então, onde está a sua heroicidade?

Porque ha de ser o coupé 44 considerado uma *preciosa reliquia historica*, de mais a mais não o sendo a roupa branca de sua excellencia?

Porque ha de ir para um museu o coupé 44, de mais a mais não indo, e tal como ficaram n'esse instante, as ceroilas de sua excellencia?

E quem conta a *historia?* E quem considera o coupé 44 uma *preciosa reliquia historica?* E quem pede que seja enviado para o museu dos coches o coupé 44? Pois não é o proprio ministro da justiça, ou um testa terra na sua gazeta?

Mesmo que fosse boa, excellente, a lei do divorcio, mesmo que fosse boa, excellente, a lei d'imprensa, mesmo que fosse boa, excellente, a lei do inquilinato, era motivo para que o ministro da justiça acceitasse e approvasse, transcrevendo-as no seu jornal, as baboseiras d'uns bachareis desmiolados, sem senso commum e sem pudor, dizendo-o *o maior legislador dos tempos modernos?*

Pois expulsar os jesuitas de Portugal, nas circumstancias em que o foram depois da revolução republicana, é caso para o ministro da justiça se considerar, como de facto se considera, *o Pombal do seculo XX?*

Esses é que são os verdadeiros termos *provocadores*. Essa é que é a verdadeira attitude *despejada*. Que affronta todos os outros homens e cobre de ridiculo uma patria.

Uma vergonha, esse elogio desmarcado! Uma prova d'absoluta inferioridade! Signal certo de mediocridade!

E uma vez aberta a torrente da asneira, segue esta de queda em queda, engrossando, invasora, em catadupa, aos saltos.

E uma vez estabelecida a desproporção para o sr. Affonso Costa, fica estabelecida para todo o mundo e eis porque já não ha borrabotas republicano que se não considere um *portento* por esse paiz fóra.

Esses patetas d'Abrantes, não foi só no elogio a Affonso Costa que excederam as raias do disparate. Chamaram á revolução de 5 d'outubro, a *mais bella, a mais grandiosa universalmente conhecida*. Attribuiram aos jesuitas a fundação da inquisição.

N'esta imitação pelintra em que — em tudo e por tudo — vae este povo asnatico, amanhã os de Paio Pires, querendo dizer mais que os de Abrantes, chamam ao Affonso Costa Bonaparte e attribuem a Carlos Magno a fundação de Portugal. Os de Alhos Vedros, desforrando-se dos de Paio Pires, chamam ao Affonso Costa Sesostris e attribuem a Biblia a Mahomet. Tudo sob a gargalhada do extrangeiro, que nos vê, que nos contempla, que nos desfructa, e que fulmina qualquer dia este novo ducado de Gerolstein com um novo Offenbach.

E assim vae a Republica *educando* este povo e fazendo a *redempção* de Portugal.

Terra de Camões, terra de Albuquerque, terra de Vasco da Gama, que eras bem digna de melhor sorte!

A senhora doutora Madeleine Pelletier veio a Portugal por lhe constar que os nephelibatas do governo provisorio iam conceder o voto ás mulheres. E publicou no *Mundo*, quinta feira, um artigo sobre o assumpto.

E' muito nossa conhecida essa senhora doutora Madeleine Pelletier. Até já tivemos a honra de lhe dar uma grande trepa no *Povo de Aveiro* de 7 e 14 de janeiro de 1906, em resposta a um artigo de sua excellencia no *Européen*. Quem nos diria que ainda viriamos a encontra-la de braço dado, em Portugal, com o sr. Theophilo Braga!

Em 7 de janeiro d'esse anno diziamos nós:

As emancipadoras, como se sabe, querem ser tudo. Ainda ha pouco eu li um artigo no «Européen» em que a senhora doutora Madeleine Pelletier sustentava que a mulher podia e devia ser soldado. Ora como ha-de a mulher ter filhos sendo «deputada», sendo «ministra», sendo «soldada»? Póde lá ter filhos? Quer lá ter filhos? Não. Mesmo que é essa a condição «sine qua non» da egualdade. Só pode haver egualdade dos dois sexos no dia, ou em que o homem tiver filhos, ou em que a mulher os não tiver. A unica superioridade do homem, a verdadeira, a que ha de resistir á evolução das ideias, á reforma dos costumes, ao decorrer dos seculos, é não ter filhos. A unica inferioridade da mulher, que ha de persistir eternamente, é conceber. Pois ainda não o descobriram os pensadores universaes?

Ainda estamos na mesma. Só póde haver a egualdade dos dois sexos no dia, ou em que o homem tiver filhos, ou em que a mulher os não tiver.

Ora tudo se póde arranjar, d'accordo com a senhora Madeleine e com o senhor Theophilo Braga.

A revolução de 5 d'outubro provou que em Portugal havia muita falta de... virilidade. Tanta, que se não é Machado dos Santos, ainda estavamos, a respeito de republica, *a apitar*.

Por outro lado, está provado que as francezas continuam rebeldes ao . . . *acouchement*.

Pois bem. O sr. Theophilo Braga pode ir para França . . . ter meninos. A senhora Madeleine pode vir para Portugal . . . ser soldado. E as duas nações, as duas republicas, resolvem assim . . . *a egualdade dos dois sexos*. Esse grande problema que tanto agita a humanidade.

Elles dispensam a soberania popular, pois repellem a idéa da reunião immediata da Constituinte persistindo em fazer todas as leis em dictadura. Elles vão restringir o voto dos homens, ao que se diz. E, ao mesmo tempo, pensam em conceder o voto ás mulheres.

Digam lá se não são unicos!

A Constituinte

Sob o titulo *A cigarra canta*, publica o orgão do sr. ministro da justiça um artigo, como todos, ordinario e insolente.

A cigarra é o paiz covarde, pusillanime, abjecto, que atura essas insolencias constantes sem se erguer, como um só homem, a repelli-las. E a castiga-las *rijamente!*

A cigarra é o paiz que entende que a dictadura é uma affronta, um sarcasmo, um ultraje aos bons principios.

A cigarra quer que se reuna a *Assembleia Constituinte?* Pois não se ha de reunir. O governo ainda não vae em meio da sua obra! E a *Constituinte* só se reune depois d'essa obra estar completa!

Mas oiçâmos. Ora oiçâmos o orgão do sr. ministro da justiça:

Hontem lembrámos que o trabalho de organisação republicana vae em meio. Mas é possivel que nem em meio caminho se encontre, pois por todos os ministerios ha ainda a realisar muitas reformas. Pelo ministerio do interior precisam os serviços de instrucção, do codigo administrativo e da policia de uma larga e ampla remodelação, de fórma que taes serviços se compatibilisem com as exigencias do moderno direito e do progresso do Estado. Ha tambem, pelo ministerio do interior, a reformar a lei eleitoral, emprehendimento que se não fará em meia duzia de dias, pela situação confusa e enganadora em que a monarchia deixou os recenseamentos, para mais manobrados por caciques encartados, ás ordens dos quaes não póde estar a Republica. O ministerio das finanças é o cahos. Alem do equilibrio e regularisação de todos os seus serviços é necessario remodelar o systema tributario, reformar os serviços do seu pessoal e reformar a contabilidade, que é um abysmo de escuridão e de mysterios. Pelo ministerio da justiça tem-se trabalhado muito, mas ainda não se fez tudo que é necessario. Precisamos do registo civil obrigatorio, de uma reorganisação judiciaria e da separação da egreja do Estado. São providencias que o sr. ministro da justiça tem de publicar. Na guerra, marinha e colonias, o trabalho dos respectivos ministros não é pequeno nem desvalioso. No proprio ministerio dos extrangeiros ha muito que fazer, porque ha muito que sanear e arejar, e só o tempo póde contribuir para que a tarefa fique perfeita. No ministerio do fomento temos a regulamentação das greves, fundação de Bolsas e Institutos de Trabalho, a reforma dos serviços de obras publicas, a protecção á agricultura, etc. Tarefa enorme, como se vê. E não é, de certo, por empreitada ou a prazo que toda esta vasta e complicada reformação se executa, por maiores que sejam a intelligencia, os talentos, o patriotismo e a tenacidade dos ministros. Trabalhemos, pois, todos, nação e governo, para o fim que desejamos attingir, unidos e alliados... enquanto a cigarra canta. Ella dansará.

Isto é espantoso d'insolencia, de audacia despejada, de descaramento. Mas tambem de inconsciencia!

O paiz não é nada. Dentro do proprio partido republicano só ha aquellas oito cabeças!

Só aquellas oito cabeças são capazes de reformar, de endireitar, de legislar!

Só aquellas oito cabeças são capazes de arrancar do *chavascal* a patria abysmada!

Para que se reune a Constituinte? Para que se reune a Assembleia legislativa, se a Constituinte não tiver poderes legislativos? Para approvar! Para legislar, não, que as leis estão feitas. Para chancellar! Tem poderes de chancella. Simplesmente! Não tem mais poderes nenhuns.

E era esta gentinha a que chamava malandro, tratante, canalha, tyranno, tudo, a João Franco! E era esta gentinha quem condemnava á morte João Franco, quem tentava assassina-lo, quem açulava contra elle a plebe fanatisada, quem pede, ainda hoje, a sua cabeça odiada!

O feroz dictador! O miseravel! O bandido!

Que burla! Que grande burla! E agora se vê, cada vez mais, como nós previamos tudo isto muito bem!

Prophetisámos isto cem vezes. Cem vezes dissemos que havia de succeder o que, de facto, está succedendo n'este instante.

O que vale é que o governo é *democrata*. O governo, annuncia o *Mundo*, vae agora fazer conferencias publicas sobre as leis que prepara. «O governo é democratico. O governo, que é mandatario do povo, continua assim a viver com elle e para elle.»

Que escarneo! Que hypocrisia!

E' a *Republica de Lisboa*, como dizemos n'outro logar.

A quem fazem os ministros as conferencias publicas? Aos correligionarios de Lisboa. E de que forma? Em familia.

Isto é d'elles. Para elles, o paiz é Lisboa.

O povo de Lisboa não tem capacidade, como o de nenhuma outra parte do paiz, para apreciar as leis que os ministros lhe vão expôr. Diz que *sim* a tudo. Approva tudo. Approva mesmo, se os conferentes quizerem, no dia immediato, o contrario d'aquillo que na vespera approvou. *Mas o governo é democratico. Mas o governo, que é mandatario do povo, continua assim a viver com o povo e para o povo.* Não precisa de reunir a Constituinte ou a Legislativa depois de ter dado... contas ao povo.

Que desaforo! Que grandissima pouca vergonha!

E' a *republica de Lisboa!* Não tenham a menor duvida: é a *republica de Lisboa!*

Elles em Lisboa teem força. Elles em Lisboa estão em familia. O resto do paiz... é reaccionario. Que vá tratar das bombas!

Reunem o parlamentosinho em Lisboa. Para o resto do paiz... sapata ferrada! Dictadura! O resto do paiz que gema sob a mão de redea do Trinta, do Espanta Mortos e do Maduro.

Não ha terra nenhuma que não tenha o seu Trinta, o seu Espanta Mortos e o seu Maduro. São symbolos.

Formidaveis insignificantes! Os porta-bandeiras d'esta politica, d'esta *democratica politica*, são os cidadãos ministros Brito Camacho e Affonso Costa. Que uma unica coisa provam com ella. Provam, não. Acabam de provar: que são dois grandes insignificantes.

Em primeiro logar, não conseguem o seu diseratum. Provam que são insignificantes, provam que não teem nenhum tino, nenhuma capacidade politica, e não conseguem adiar a reunião da Constituinte. A Constituinte reune-se em breve, fatalmente, porque a isso conduzem, cada vez mais, as circumstancias. Nem é, propriamente, a reunião da Constituinte que elles querem evitar. O que elles querem, principalmente Affonso Costa, é evitar a queda do governo. O governo está exauctorado. O governo exauctorou-se, o governo gastou-se em dois mezes. A reunião da Constituinte importa a queda immediata do governo.

Em segundo logar, não conseguem annullar o cacique. O cacique não se annulla por um decreto, nem a berros do Affonso Costa, do França Borges ou do Brito Camacho. O cacique annulla-se com a independencia do eleitor. E a independencia do eleitor ha de ser a resultante natural do progresso, da evolução, da educação e das idéas. Ha de ser, sobretudo, a consequencia da emancipação economica do trabalhador. Emquanto o trabalhador estiver na dependencia do influente, do rico, do homem que dispensa graças e favores — e não só o funccionario publico, como imagina o pateta do republicano, pode conceder graças e favores — ha de existir o cacique, isto é, o depositario da força eleitoral, o senhor da urna.

O dono, o senhor da urna!

Vão *republicanisar*, dizem elles, as aldeias. Como? Isso era no bom tempo da monarchia. A varinha de condão já lá vae, parvinhos! A vossa varinha de condão, o vosso talisman, era o manná, a ambrosia, o nectar dos deuses apregoado. Era a promessa de todos os gosos, de todas as delicias, de todas as venturas, a promessa do paraiso terreal. Era a força da opposição explorando a mina das difficuldades do poder. Agora... annulla-vos, derriba-vos, a triste realidade. A triste realidade mostra-vos qual fostes: charlatães, mentirosos, especuladores. Não tinheis sinceridade nenhuma. Promettieis tudo, com o proposito já feito de faltardes a tudo. Não vos animava nenhum espirito de liberdade, como aqui diziamos. Ereis os mais intolerantes, os mais tyrannicos, os mais reaccionarios dos politicos organisados. E ei-lo provado com a lei d'imprensa, com o regulamento das greves, com todas as vossas palavras e todos os vossos actos.

Agora é o cacique, o velho cacique, quem vos apanha trilhados. E' elle quem, mettido por entre as populações ruraes, explora as vossas difficuldades, os vossos erros, a vossa espantosa insensatez governativa, a vossa formidanda esterilidade.

Não conseguireis evitar a reunião proxima da Constituinte, sob pena de cahirdes, e comvosco, talvez, a republica, deante d'uma revolução. Não conseguireis evitar a queda do governo, ou se reuna ou não se reuna a Constituinte, do governo estafado, desacreditado, ao fim de dois curtos mezes exauctorado. Não conseguireis annullar o cacique, antes o cacique vos ha de annullar a vós. Não o quizestes a bem? Quando elle se vos offerecia manso, humilde, vencido, resignado? Então que era facil guia-lo, subjuga-lo, manieta-lo? Commettestes essa suprema imbecilidade? Pois heis de te-lo, agora, a mal. A mal, a mal! Para vos torturar, para vos incommodar, quando não seja para vos anniquilar.

Uma coisa só provastes, uma coisa só ficou provada: que sois tudo quanto ha de mais soberbão, de mais pretencioso, de mais vaidoso, affrontosamente vaidoso, de mais auctoritario, de mais despotico, de mais tyranno!

Uma coisa só provastes: que a republica é ficticia n'esta patria!

Ninguem teria essa inhabilidade! Nem um cavador d'enxada! Essa suprema inhabilidade! Ninguem, por mais bronco, por mais parvo, seria capaz, tendo a seu cargo os creditos e a defesa da republica, de deixar patente ao mundo, por mais verdadeiro que isso fosse, que toda a propaganda republicana do tempo da monarchia foi uma mentira, uma hypocrisia, uma especulação! Pois tivestes vós essa arte! Essa prenda! Linda prenda! Arte admiravel!

O corpo diplomatico ficou sabendo, portanto as chancellarias, portanto o mundo, que a republica não tinha força para fazer, n'este paiz em que todos os governos teem vencido as eleições, umas eleições! Linda prenda! Suprema arte! Que seria o bastante para que os republicanos enxotassem essa gente do poder, se em Portugal houvesse, afinal, republicanos dignos d'esse nome!

Espantoso, espantoso! E' um adjectivo muito repetido. Mas que fazer? Só se accrescentarmos, com novos adjectivos, o diccionario! E está-se a ver que a republica tambem veio impôr essa necessidade. E' tão espantoso, tão pasmoso, tão extraordinario tudo quanto essa gente está fazendo ha dois mezes, que se torna indispensavel crear novos adjectivos, para não estarmos a repetir pasmoso, pasmoso, pasmoso; assombroso, assombroso, assombroso; extraordinario, extraordinario, extraordinario; unico, unico, unico; phantastico, phantastico, phantastico!

E afinal é phantastico, phantastico, phantastico! A gente fica-se a olhar, absorto, abysmado, fóra de si, como se tivesse sido, ares fóra, arrebatado!

Agora annuncia-se que o sr. Antonio José de Almeida vae fazer uma lei eleitoral em que, garantido o direito de voto, *fique tambem garantida a defesa da Republica.*

Phantastico! O que será isto de garantir a defesa d'um regimen n'uma lei de suffragio universal?

Phantastico!

Diz-se que essa lei reproduz, adopta, a *ignobil porcaria*. A ignobil porcaria com uma modificação: o voto proporcional. Mas como o norte é mais *reaccionario* que o sul, as provincias do norte do paiz ficarão com metade da proporcionalidade.

Inacreditavel! Phantastico!

De maneira que temos isto em *plena democracia*, em republica: uma dictadura prolongada, a fazer todas as leis, porque não só o paiz, como o proprio partido republicano, é incapaz de legislar!

Em Portugal, e no proprio partido republicano, só ha oito cabeças para pensar, oito homens para executar!

Temos uma lei d'imprensa que admitte arrestos, apprehensões, e até, por uma forma indirecta, censura prévia! Uma lei d'imprensa que consente, *mera concessão*, que se discutam as leis e os diplomas emanados do governo!

Vamos ter uma lei eleitoral em que o direito do voto, o amplo direito da soberania popular, é submettido á necessidade da *defesa do regimen!*

E nem assim ha Constituinte, e nem assim ha eleições, porque... o governo se quer manter no poder, allegando ao mundo que é perigoso, por emquanto, para a estabilidade da Republica, fazer as eleições.

Pois haverá republicanos em Portugal? Que consintam isto? Que se conservem de braços cruzados? Ai, meu rico Manelsinho, que estás vingado!

Pobre rapaz, que estás vingado!

Escrevem-nos chamando a nossa attenção para as carreiras d'automoveis por conta do Estado. Os ministros não andam senão d'automovel. Os officiaes da policia não andam senão d'automovel. E até os sargentos do quartel general já andam... d'automovel.

Então que querem? E' Portugal que vae a vapor.

O progresso é sempre... a vapor.

Congregações religiosas

Escrevem-nos alguns fanaticos muito assanhados porque dissémos aqui que o ministro da justiça, expulsando as congregações religiosas, não fez mais que cumprir o seu dever, executando a lei.

Tenham paciencia; mas fanatismo, para cá, *não pega*. Nem o fanatismo livre pensador, nem o fanatismo religioso. Para cá, *não pega*.

Não attribuimos o mal do paiz ás Congregações religiosas. Aqui o temos dicto e aqui o repetimos por mais do que uma vez. Muitas vezes increpámos os republicanos, perguntando-lhes em que congregação ou casa religiosa haviam sido educados os numerosos tratantes que pejavam as suas fileiras, deshonrando-as. Ainda agora nos vem de Madrid uma carta impressa do padre Luiz Gonzaga Cabral, provincial da Companhia de Jesus em Portugal, onde ha verdades incontestaveis.

O padre Cabral defende a sua ordem dizendo que eram calumniosas muitas das accusações que lhe dirigiam. Não ha duvida.

Os jesuitas teem crimes, como os tem a maçonaria, como os teem as carbonarias, e todas as sociedades que, n'um momento dado, foram poderosas e exerceram papel importante nas sociedades. Entre os jesuitas ha tratantes e homens de bem como em todas as collectividades. No periodo que findou com a monarchia tinham muito mais tratantes os republicanos que os jesuitas. Em Portugal. Estamos falando de Portugal.

Das riquezas dos jesuitas, não sabemos. Nem dos seus tramas. O que sabemos, e o que sabe todo o mundo, é que a Republica triumphante não lhes descobriu, nem a elles, nem aos membros das outras congregações religiosas, nenhum crime de monta nem vergonha aviltante.

O padre Cabral diz, e muito bem, que se os jesuitas não sympathisavam com os republicanos estavam no seu legitimo direito, tanto mais quanto era furiosa a guerra que lhes moviam os republicanos. Tem razão.

Mas, por um lado, as congregações religiosas eram, de velha data, prohibidas em Portugal. Por outro lado, não somos partidario de congregações religiosas.

Nunca gostámos de milicia nenhuma. Nem da tropa, á qual pertencemos muitos annos. E hoje, d'esta, ainda menos, desde que a não vimos, nem apparecer nas ruas a favor da monarchia, nem a favor da republica.

E dizendo tropa, queremos dizer *os profissionaes*.

Nem a favor da monarchia, nem a favor da republica. A'parte meia duzia d'homens. Entenderam suas excellencias que era mais commodo... não arriscar a pelle por nenhum lado.

Não, amigos fanaticos, não. Não gostamos de milicias. Nem de milicias civis, nem de *milicias militares*, nem de milicias religiosas. Não gostamos.

Achamos que é um erro tremendo, uma injustiça e uma brutalidade, atacar o padre secular, este nosso padre civilista, completamente destituido de fanatismo, hoje um homem culto em grande parte, resignado, bom, pacifico, podendo e devendo constituir ainda um grande elemento de civilisação nacional. Tambem já soffremos do jacobinismo que tão duramente o combate. Mas onde os homens intelligentes se distinguem dos idiotas é exactamente em reconhecer a tempo os seus erros e repara-los.

Não temos odio nenhum ás congregações religiosas. Não applaudiriamos violencias contra ellas, porque a violencia é contraria á razão, e a nossa cultura fez-nos crear, com a edade, uma serenidade e pureza de intelligencia incompativel com toda a furia demagogica. Mas o padre basta-nos. Para satisfação do sentimento religioso, basta-nos.

Falam-nos para ahi muito na Suissa. Mas os que mais falam na Suissa são os que menos a comprehendem. São os menos capazes do seu espirito d'alta tolerancia e liberdade.

Em 1895, a Assembleia Federal, com uma enorme maioria radical, elegia presidente da Confederação, por 128 votos em 172 votantes, o sr. Zemp, um catholico conservador, um *reaccionario*. A Assembleia fe-lo de proposito, para que ficasse bem accentuado que se devia consideração e respeito a *todas as opiniões*.

Em Portugal, os que berram Suissa são os que pediam prisão perpetua para o padre Benevenuto, os que desejam *enforcado nas tripas do ultimo rei o ultimo padre*.

Respeite-se o padre. Absolutamente. Nunca teremos, nós, livre pensador, que jámais, nem por actos nem por palavras, desmentimos as nossas convicções, a menor repugnancia em nos sentar ao lado do padre, — dizemo-lo bem alto, sem medo do jacobinismo laico — para collaborar com elle, irmãmente, nos progressos d'esta patria.

Mas, repetimos, o padre basta.

E se os fanaticos das ordens religiosas não gostarem, que tenham paciencia.

Gostamos nós.

Greves

Cá está elle. Nós já o esperavamos!

Ha tres semanas que escrevemos aqui, dirigindo-nos ás classes trabalhadoras: *apanhem lá esse pião á unha*. E ei-lo ahi jogado!

Mas é bem feito. Os socialistas eram dos que mais exaltavam o cidadão Brito Camacho. E' bem feito! Esse cidadão nunca se distinguiu senão pelas *piadas*. Então quem quer piadistas tem que os pagar. Os piadistas, os *blagueurs*, os homens da chalaça, dão sempre na vida publica este resultado.

Já o dissémos e repetimos: nunca lemos um artigo d'esse homem que lhe vissemos folego, largueza de pensamento, profundeza de critica, originalidade d'idéa. Nunca! Nem nós, nem ninguem. Comtudo, a parvoiçada alegre de todo o Portugal, pedante como elle, futil, vazia de conhecimentos e d'idéas, apregoava-o como um *grande jornalista*. Para essa parvoiçada, idiota e asna, que não vale nada, que tem sido o maior cancro d'esta pobre patria, toda a sciencia e todo o valor do escriptor está na fórma *alitteratada*.

Bando d'asnos!

Alem de não ter valor nenhum, áparte o de escrever com certa elegancia litteraria e o das *piadas*, esse homem é o maior invejoso e vaidoso, o caracter mais atravessado d'esta nacionalidade. Azedo, rancoroso, d'uma presumpção balofa e ultrajante, por mais que o queira disfarçar com um ficticio desprezo das consagrações e reclame.

Peor que o Affonso Costa. Ao menos o Affonso Costa é o que é. Corre-lhe nas veias o legitimo sangue do Marçal, e não o disfarça. E' Marçal para todos os effeitos.

Peor que o Affonso Costa.

Já aqui dissémos do seu procedimento quando da dictadura João Franco. Elle foi o que escreveu: *Havemos de o levar ás violencias que compromettem ou ás transigencias que rebaixam.*

Elle foi o que, depois d'isso, se encolheu, a ponto de ser injuriado, pela sua attitude accommodaticia, por quasi todos os seus correligionarios.

Elle foi o que, cahido João Franco, morto D. Carlos, mais rancoroso se mostrou contra João Franco e D. Carlos.

Elle é o unico jornalista republicano em evidencia que *nunca esteve na cadeia*, nem se sentou no banco dos réos, pela sua audacia, pela sua intransigencia ou pela sua rebeldia processado. E quando o padre Benevenuto era illegalissimamente, escandalosamente mettido na cadeia, *por ter escripto durante a monarchia contra os republicanos* — o seu unico crime! — o cidadão ministro aconselhava na *Lucta* que o deixassem lá ficar eternamente.

Elle nunca respondeu ás tareias justissimas que aqui lhe temos applicado. Mas quando entre elle, Affonso Costa e governador civil de Aveiro, o do testamento do pae, se combinava a nossa prisão, sahia então, sabendo-nos e vendo-nos de mãos atadas e **julgando-nos perdido**, a injuriar-nos.

Um jornalista só tem duas maneiras de bater n'outro jornalista: ou com a penna, cara a cara, ou com um pau. Elle, vendo-nos tolhido de toda a defesa, esfaqueava-nos!

Era anarchista. Era socialista. Elle e o irmão siamez. O irmão siamez, que ainda vale menos, que ainda está abaixo d'elle como intelligencia e caracter, foi em Coimbra anarchista declarado e filiado. Já n'este *Povo de Aveiro* o deixámos provado. Depois de anarchista foi socialista, arrastando e apregoando socialismo por toda a parte. E agora, os dois, — porque o regulamento da greve é da lavra dos dois, — negam tacitamente o direito de greve.

Não somos socialista. Nunca o fomos. Isto é, nem somos nem deixamos de o ser. E não se veja n'isto contradição. Achamos que ha immensa justiça em algumas das reivindicações do proletariado. O capital problema da humanidade é a miseria. Emquanto houver miseria não ha homens, no termo nobre da palavra. Não ha independencia, não ha verdadeira liberdade nem verdadeiro progresso social. Mas como a evolução é lenta, limitamos as nossas aspirações de momento a aperfeiçoar as condições moraes e intellectuaes do homem para a conquista da sua emancipação economica. Sem sermos, porem, socialista, o que podemos affiançar é que se tivessemos de conceder, como ministro, o direito de greve, e de o regulamentar, não fariamos a obra vergonhosa que sahiu das mãos do cidadão Brito Camacho.

Poderiamos não conceder o direito de greve. Mas, a concede-lo, concede-lo-hiamos amplo, lealmente, sem sophismas, sem reservas. Como é proprio do nosso feitio. As chicanas e as reservas não se coadunam com o nosso caracter.

O regulamento Brito Camacho é um sophisma, como, já agora, tudo quanto sahe do malaventurado governo provisorio. Ainda nenhum d'aquelles infelizes fez uma lei positiva, clara, sensata, e rasgadamente liberal.

O regulamento Brito Camacho é incoherente, incongruente, contradictorio. Como a lei d'imprensa, como a lei do divorcio, como a lei do inquilinato, como tudo, repetimos, quanto produzem aquelles cerebros, quanto choccam as almas d'aquelles desgraçados.

O regulamento Brito Camacho, como a lei de imprensa, como a lei do divorcio, como a lei do inquilinato, desfaz n'um artigo o que faz no outro, nega adeante o que affirmou atraz, emfim, deixa a questão peor do que ella estava.

E teem estas creaturinhas a audacia, a estupenda audacia, de se substituirem á Constituinte, á soberania popular, a um povo inteiro, para reformarem *todas as leis*, legislando sobre assumptos os mais graves.

Atiram-nos á cara com essa injuria, cospem-nos essa affronta, e fica tudo de braços cruzados. Porque, no fim de contas, com verdadeira energia só ha uma voz a protestar. E' a do director d'este jornal!

Queiram desculpar, mas é a verdade. E não o dizemos por vaidade. Dizemo-lo com dor, com amargura, lamentando dolorosamente o triste facto. Se em vez d'um fossemos dez, a caranguejola ia pelos ares.

O que temem? Porque temem? Com Deus, que ainda estamos vivo! E se morressemos, tanto faz morrer da peste, d'uma pneumonia ou d'um typho, como na cadeia, ou ás mãos d'um sicario.

Isto não se póde tolerar. E' indigno tolera-lo. O operario ficou peor do que estava. O sr. Brito Camacho não concedeu, desmentiu, negou o direito de greve.

Na verdade, quem vae, doze dias antes, prevenir o patrão de que tenciona colligar-se? Quem?

Seria fazer figura de tolo. O patrão responderia, simplesmente: «Ah, querem-se pôr em greve d'aqui a doze dias? Então rua. Ponham-se já!»

Onde está, no regulamento, a obrigação imposta ao patrão de aguardar os doze dias a resolução dos operarios?

O patrão não despede immediatamente os operarios? Então previne-se. Então colliga-se com os patrões. Então dispõe as suas coisas para vencer os operarios ou para não ficar prejudicado.

Isto é uma troça. Esses homens, que usurparam as attribuições da *Assembleia Nacional*, que, em republica, e dizendo-se democratas, coarctaram o direito da soberania popular, que cospem no seu proprio partido, que affrontam um paiz

inteiro dizendo claramente que não convocarão o corpo eleitoral sem estarem fabricadas, por elles, e só por elles, todas as leis, não teem feito, nem fazem outra coisa que troçar com todas as classes.

A toda a hora falam na Suissa. João de Menezes, o grande bacoco, é o *suissão mór* da nossa terra. Elle e Brito Camacho eram Suissa para aqui, Suissa para alli, Suissa a toda a hora. Porque não foi então Brito Camacho buscar á Suissa o direito de greve? Então é Suissa para aqui, Suissa para alli, e a Hespanha, a Hespanha do La Cierva, a Hespanha do Maura, é que lhe serve? A Hespanha do La Cierva e do Maura por Camacho tantas vezes violentamente estigmatisada? D'esse La Cierva, d'esse Maura, para quem Camacho claramente tem pedido um tiro ou uma facada?

Apre, que é audacia demasiada!

Como os leitores viram pelo artigo em 20 de novembro aqui publicado, o regulamento hespanhol só impõe 8 dias de antecipação aos operarios. Camacho impõe-lhes doze. Mais a terça parte!

O regulamento hespanhol só impõe os oito dias quando as greves *tendam a produzir falta de luz ou d'agua, a suspender o movimento ferroviario* ou quando por causa da greve ou da paralysação de trabalho *hajam de ficar sem assistencia os enfermos ou asylados*. Para as greves ou paralysação de trabalho de que resulte os habitantes d'alguma localidade ficarem privados *d'algum artigo de consumo geral ou necessario*, só impõe cinco dias. Isto é, os operarios hão de participar a greve aos patrões e á auctoridade publica com *cinco dias d'antecipação*. Pois Brito Camacho impõe **doze dias** nos mesmos casos!

O regulamento hespanhol é obscuro, vago, quando diz *algum artigo de consumo geral e necessario*. Já n'outro dia aqui dissemos que *artigo de consumo geral e necessario* é tudo. Tanto pode ser um pão, como umas calças, um par de botas ou um relogio. Por essa nossa apreciação, e para se não dizer que *copiava tudo*, cidadão ministro do fomento em Portugal não escreveu *artigo de consumo geral e necessario*. Mas deixou ficar o vago, da mesma forma, da mesma forma deu margem ao sophisma e á chicana escrevendo *generos de primeira necessidade*. Não escreveu *subsistencias*. Não escreveu generos alimenticios. Escreveu *generos de primeira necessidade*.

Ora o que são generos de primeira necessidade? Só ha um. E' o pão! Mais nada.

Pão, agua, combustivel e luz, eis o que prejudica, e o que pode prejudicar gravemente, faltando d'um momento para o outro. O mais, não. Falta a hortaliça durante dois, tres, quatro, cinco ou oito dias? Toda a gente a pode dispensar durante esse praso. E maior prso ainda. Falta o peixe? Come-se pão, come-se hortaliça, arroz, batata, fructas e carne. Falta a carne de vacca? De porco ou carneiro? Não falta que comer. Falta o azeite, o vinagre e a manteiga? Dispensa-se, que não se morre de fome. Mas vão ámanhã os carroceiros da hortaliça fazer greve! Vão ámanhã fazer greve os magarefes ou os cortadores! Vão ámanhã fazer greve os pescadores! Vão ámanhã fazer greve os rachadores de lenha ou os carregadores de mar e terra que transportam o carvão! São todos apanhados pela palavra *generos de primeira necessidade*. Todos!

Todos hão de participar a sua greve com doze dias d'antecipação.

Ora que seriedade tem a greve dos carroceirns, por exemplo, com doze dias d'antecipação? *Olhem lá os senhores que d'hoje a 12 dias não vamos ás hortas buscar a hortaliça!* Isto é serio?

Olhem lá os senhores que d'hoje a doze dias deixamos de matar gado no matadouro!

Olhem lá os senhores que d'hoje a doze dias não vamos pescar!

E assim por deante.

Isto é sério? Isto é um sophisma. Isto é uma burla.

E note-se que não sahimos ainda do campo logico e expressivo das palavras *generos de primeira necessidade*. Mas sem forçar muito a logica, sem exaggerar muito o sophisma ou a chicana, o estado e os patrões podem considerar ámanha *generos de primeira necessidade* os artigos de cem industrias e profissões.

Das duas, uma. Ou se nega o direito de greve ou não se nega. Nega-se? Está bem. E' uma situação clara e leal. Não se nega? Então concede-se cathegorico e amplo. Sem deslealdades e sem sophismas.

Só ha uma coisa verdadeiramente odiosa: é a hypocrisia, é a deslealdade, é o sophisma, é a chicana.

Como já n'outro dia aqui dissemos, a lei hespanhola é, sob o ponto de vista democratico, profundamente reaccionaria. Como tal foi vivamente combatida n'aquelle paiz pelos socialistas e trabalhadores em geral. Como tal é posta de parte pelos elementos revolucionarios, que preferem incorrer nas penas por ella comminadas a usar das participações.

Pois ninguem diria que em Portugal, em cima d'uma revolução republicana, dois homens, dois ex-anarchistas, dois socialistas, que enchem a bocca com socialismo a cada passo, dois parlapatões que falam a toda a hora na Suissa e que querem que a republica portugueza seja a *reproducção exacta* da republica helvetica, seriam capazes de forjar uma lei mais reaccionaria que a da Hespanha conservadora, a Hespanha de Affonso XIII, a Hespanha de La Cierva e de Maura.

Em Portugal, cujas condições são, para a greve, incomparavelmente mais favoraveis que as da França, as da Allemanha, as da Russia ou as da Inglaterra! A França põe restricções á greve, e ainda assim não são restricções da natureza d'essas que ahi ficam, porque a França é uma nação militarmente ameaçada a toda a hora. A França só ultimamente começou a levantar á greve sérias difficuldades. Comprehende-se. Na França o socialismo é uma potencia. O elemento conservador, o elemento burguez, vê imminente a revolução social. Defende-se. A França é uma nação militar. Tem medo. Mas o que tem a temer, por emquanto, Portugal?

Lá fóra ainda não foi possivel fazer, no sentido largo da acção, a greve geral, unica coisa verdadeiramente séria em tempo de paz como em tempo de guerra. Que dizer de Portugal, que não tem ainda *nenhuma organisação operaria*?

E' o espirito reaccionario, somente, que impelle esta gente. E nem é bem o espirito reaccionario. E' a estupidez! E' a falta de horizonte! E' o espirito tacanho!

Onde a Hespanha, no regulamento da greve, impõe oito dias de prevenção, impõe o *grande governo provisorio* da Republica Portugueza doze dias. Onde a Hespanha impõe cinco, impõe o nosso *grande governo provisorio* os mesmos doze dias, n'uns casos, e oito dias, n'outros casos.

Toda a lei é uma protecção desaforada aos patrões. E' uma segurança para o capital. O patrão, prevenido, forma o *lock-out*. E no fim de doze dias, não só os operarios da fabrica visada, como todos os outros da sua especialidade, quando julgam ir obter uma conquista, vêem-se completamente *desarmados*.

Toda a lei é a negação tacita ou expressa do direito de greve. Assim, pelo artigo 10.º, o Estado, os Municipios, arvoram-se em patrões privilegiados. Todos os empregados e salariados do Estado e do Municipio ficam abertamente inhibidos do direito de greve, sob pena de serem despedidos, não podendo ser readmittidos senão seis meses depois de demittidos.

E d'aqui, e por tudo isto, podem ver os operarios portuguezes:

1.º O amor sincero que esta gente tem ao povo.

2.º O perigo, o enorme perigo, de estarem oito homens, sem haver quem os corrija, quem os critique, quem previamente discuta com elles, a refundir e a crear leis em dictadura.

Mas os senhores operarios gostam? Então sopeteiem.

Apanhem lá esse pião á unha, amigos, e continuem a jogar com elles.

Não se arrependam.

Continuem a jogar com elles!

Sim, senhores! Sim, senhores!

Lê-se no orgão do sr. ministro da justiça:

Está coberta por grande numero de assignaturas a mensagem que será lida ao capitão José Affonso Palla no banquete que em sua honra se realisa, no Hotel de Inglaterra, no proximo dia 18, e para o qual estão inscriptos cerca de 80 convivas. Como já dissémos, damos todo o nosso applauso a esta homenagem em honra do firme republicano e valoroso official que, quando do levantamento de artilharia 1, deu provas de rara valentia. O capitão Palla é um amigo devotado da Republica, prompto não só a defende-la, como a fazer por ella sacrificios proprios. Mantem-se o que sempre foi — um republicano consciente e sincero, sem ambições e sem vaidades, que trabalhou e trabalha pela Republica por amar a sua Patria e ter a convicção de que só ella a póde servir e salvar. Os que consciente e desinteressadamente pela Republica trabalharam e trabalham, querendo vê-la firme, consolidada e prospera, não levantando embaraços á sua marcha, não auxiliando, de nenhuma fórma, os appetites da reacção, comprehendendo os deveres civicos e patrioticos que a hora presente impõe, vêem, pois, com jubilo, a justa homenagem que vae ser prestada ao sr. capitão Palla. E' um grande acto de justiça, de que se devem orgulhar os seus iniciadores.

Sim senhores, sim senhores! Bem percebemos. E percebe toda a gente. *Piada* ao sr. Machado dos Santos, que não curva a cabeça deante do sr. Affonso Costa.

Pois siga o banquete. Mas não se esqueçam de que o *Codigo de Justiça Militar* condemna á morte, *com exauctoração*, os chefes que abandonam as tropas em frente do inimigo.

Isto sem querermos mal nenhum ao sr. Palla, que nem o conhecemos.

Paiz de selvagens

A manifestação de desagrado feita em Lisboa aos excursionistas de Mafra, que foram áquella cidade cumprimentar o governo provisorio, é mais uma prova da selvajaria d'este paiz e da famosa e já agora lendaria imbecilidade dos homens da Republica.

A todos nós succede ou tem succedido na vida ser cumprimentado, festejado, adulado por interesse. E' até um caso normal, vulgarissimo da vida. Um homem está no goso da riqueza ou da influencia, tem preponderancia social, chegou ao fastigio do poder. Toda a gente apparece a fazer-lhe festas, a cumprimenta-lo, a exalta-lo. Um homem cahe na desgraça, perde a sua fortuna ou a sua influencia e foge-lhe tudo. Os cumprimentos convertem-se em repellões e o enthusiasmo ou o carinho na mais gelida indifferença. O homem lamenta com amargura a miseria dos seus similhantes no segundo caso e ri-se da subserviencia ou da baixesa no primeiro. O que, porém, nunca ninguem fez, nunca! foi correr a pontapés quem o cumprimenta. Nunca!

Ora o que se não faz na vida particular muito menos se faz na vida publica. O que na vida particular seria falta de *savoir vivre*, asnatica incorrecção ou revoltante grosseria, attinge na vida publica as raias da loucura.

Succedeu, proclamada a republica, o que succederia amanhã se voltasse a monarchia. O que succede em todos os casos identicos, e em todos os paizes do mundo, ou em relação á vida particular do individuo ou em relação á vida publica. Os que na vespera combatiam os republicanos desfizeram-se em cumprimentos deante da republica, como amanhã a maior parte dos que actualmente acclamam enthusiasticamente a republica iriam cumprimentar amavelmente, se ella voltasse, a monarchia.

A republica tomava nota, para conhecer bem os seus amigos devotados e os seus amigos d'interesses, para distinguir dos sinceros os especuladores, e seguia, sorrindo, o seu caminho.

Pois não. A republica desatou aos coices aos que lhe dirigiam cumprimentos! A republica desatou á bordoada nos que lhe tiravam o chapéo! A republica desatou a insultar os que lhe davam vivas!

Isto, só isto, bastaria para demonstrar a vergonhosa incapacidade e a absoluta falta de tino dos homens do regimen.

Depois, se a republica, ao menos, fosse egual no tratamento!... Mas não. Isto é um verdadeiro sobado africano. Não é uma republica. E' um sobado africano!

Se fossem eguaes no tratamento havia essa garantia. Era uma garantia selvagem. Era uma lei tyrannica. Mas era uma lei, uma regra, uma orientação, uma garantia, um systema. O que vemos, porem? Vemos que ao mesmo tempo que os *caciques* de Mafra, os *exploradores monarchicos*, são corridos á batata e á pedra no Rocio, aquelle sincero que se chama Alpoim, aquelle homem de abnegação, aquelle velho republicano, se senta no *camarote real*, ao lado do soba Affonso Costa, em pleno theatro de S. Carlos.

As passo que os *Becos* são injuriados, ridicularisados, corridos, os Mottas Veigas são anichados e protegidos.

Com applauso da *Lucta*, orgão do ministro do fomento, com applauso do *Mundo*, orgão do ministro da justiça, e do *Seculo*, orgão do ministro dos extrangeiros, ou pouco menos do que isso.

Todos esses orgãos, todas essas gazetas simultaneamente ignobeis e imbecis, não só applaudem a selvajaria da plebe fanatisada, da plebe estupida, como a incitam a continuar n'esse caminho.

Todos esses orgãos, todas essas gazetas, simultaneamente ignobeis e imbecis, fulminam o *cacique monarchico*, o *explorador* que hontem mamava na monarchia e que hoje pretende mamar na republica, ao mesmo tempo que fazem a apotheose do Ribeira Brava, do Centeno, e de tantos outros symbolos de abnegação e de virtude.

Pois isto é lá republica?

Porventura estamos na Europa?

Nós estamos mas é em Africa, deante da cabana do soba, e sujeito á sua jurisdicção selvagem e estupida.

Isto, definitivamente, não é um retalho europeu. Isto é um retalho africano.

Se de Mafra, ou de qualquer outra parte, fossem a Lisboa levar uma mensagem a Jacintho Candido ou a Vasconcellos Porto, acclamar o ex-chefe nacionalista ou o ex-chefe franquista, comprehendia-se uma manifestação de desagrado da parte dos republicanos. Mas ser corrido á pedra, á batata, a pau, ser insultado, chasqueado, cuspido, por ir acclamar os chefes republicanos e a republica, só de idiotas, só de selvagens, só de macacos.

Sim, só de macacos. Nós rectificamos. Honra aos sobas africanos. Só de vil macacaria!

Nunca um soba africano maltratou os que se submetteram, reconhecendo a sua auctoridade e o seu dominio. Os que se submetteram sem resistencia, sem guerra, sem lucta.

Nunca! Os sobas africanos deram sempre provas de maior diplomacia, de melhor tino e capacidade politica.

Isto não são actos, já, de selvagens. Nós rectificamos. Isto são actos de vil macacaria!

Pode vingar um regimen assim?

Impossivel!

Isto não pode vingar. E quem ha de deitar a republica a terra hão de ser os republicanos, como foram os monarchicos quem matou a monarchia.

Que inferioridade mental!

Que imbecis!

Arrematação

NO dia 18 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, á porta do Tribunal do Commercio, d'esta comarca, sito na Praça da Republica, d'esta cidade, e nos autos de fallencia das firmas d'esta praça, Carlos da Silva Mello Guimarães e Mello Guimarães & Irmãos, vão á praça sem valor e em dois lotes, para serem arrematads e entregues a quem maior lanço offerecer, as dividas activas não cobradas das referidas firmas; e bem assim vae á praça e tambem sem valor para ser arrematada e entregue a quem maior lance offerecer, uma acção com o n.º 340 da Sociedade do Theatro Aveirense.

Pelo presente são citados os credores incertos.

Aveiro, 3 de Dezembro de 1910.

Verifiquei. O Juiz Presidente, *Ferreira Dias*. O escrivão de commercio, *Albano Duarte Pinheiro e Silva*.

A LEI DO INQUILINATO

Estavamos para continuar a analysar a lei do inquilinato quando nos vieram ter á mão dois documentos que nos dispensam hoje outros commentarios.

Um é a representação da *Associação dos Proprietarios do Norte de Portugal*, dirigida ao chefe do governo provisorio. O que nos tem a nós escapado da analyse da monstruosa mistela do grande estadista e exgrande parlamentar é apanhado n'esse documento. Outro é uma carta d'um inquilino, que tambem desfia minuciosamente um dos muitos aleijões do aborto do ministerio da justiça. Vejamos o primeiro:

Exm.º sr. presidente do governo provisorio da Republica: — A Associação dos Proprietarios e Agricultores do Norte de Portugal e outros proprietarios não associados, vêm muito respeitosamente pedir ao governo da illustre presidencia de v. ex.ª a suspensão ou modificação do decreto sobre o inquilinato, de 12 de novembro ultimo, pelos seguintes fundamentos:

Quanto á forma, a lei só será perfeita, sendo clara. E esta não o é.

Quanto á essencia, a lei deve ser a relação necessaria entre qualquer phenomeno e as condições em que ella se maniiesta (Greef) ou a equação juridica da forma (progressiva) d'um estado social [sr. Guerra Junqueiro]; e como expressão d'este estado não pode a lei existir nos codigos, sem que anteriormente exista nas consciencias [sr. Jnlio de Mattos]. Ora, a consciencia publica não reclamava aquelle decreto; antes contra elle se revolta. E revolta-se, não só porque elle, vibrando golpes profundos nos direitos de propriedade, liberdade contractual e não-retroactividade das leis, veio produzir hesitações, perturbações e prejuisos incalculaveis [entre os quaes avulta a desvalorisação de toda a propriedade urbana], mas ainda e principalmente porque sujeita os senhorios por contracto verbal a manterem indefinidamente nos seus predios os inquilinos insolventes, e permitte e facilita o roubo impune da grande maioria dos credores com creditos hypothecarios inscriptos sobre a mencionada propriedade.

A retroactividade encontra-se consignada no art. 3.º e seu paragrapho e no art. 38.º, que revogam contractos legalmente celebrados e inutilisam direitos legitimamente adquiridos.

A liberdade contractual encontra-se restringida pelos artigos 4.º, 5.º, 9.º e 34.º a 36.º.

O direito de propriedade — que consiste essencialmente na livre disposição da coisa — foi distruido, pois que o decreto não permitte ao senhorio fixar livremente, d'accordo com o inquilino, a importancia da renda [art. 9.º e 34.º], nem a forma de pagamento (art. 5.º), nem a duração do contracto [art. 35.º e 36.º].

Quanto á permanencia dos inquilinos insolventes:

Nos arrendamentos verbaes os inquilinos podem conservar-se nos predios quantos annos lhes aprouver, sem que o senhorio possa requerer o despejo por falta de pagamento da renda, pois que a respectiva acção não pode ser recebida em juizo, sem que se apresente contracto escripto de arrendamento, e não pode o senhorio obter, contra a vontade do inquilino, esse contracto.

Quanto ao roubo aos credores hypothecarios:

Desde que a importancia da indemnisação devido ao inquilino commercial ou industrial, nos termos do art. 33.º, é considerado credito privilegiado sobre o immovel arrendado (§ 3.º do mesmo artigo), claro é que ficam inutilisados ou pelo menos gravemente prejudicados todos os creditos hypothecarios inscriptos sobre a propriedade urbana, pois que, ainda que não haja logar a tal indemnisação, facil será ao proprietario devedor conluiar-se com o inquilino actual ou com outro arranjado "ad hoc„ para simularem a excessiva valorisação do predio hypothecado e fazerem vingar a acção de indemnisação pelo maximo de dez rendas, exaggeradamente fixadas no arrendamento, vindo assim essa indemnisação a abranger todo o valor do predio, de modo que no concurso de crédores nada restará para pagamento dos predios hypothecarios.

D'aqui resultará:

a) O inteiro descredito da propriedade urbana, sobre a qual difficilmente se encontrará quem empreste qualquer quantia;

b) A devolução dos predios destinados a inquilinos commerciantes ou industriaes, determinada pelo receio dos pedidos de indemnisação;

c) A difficuldade para todos os inquilinos commerciantes e industriaes, e a impossibilidade para muitos d'elles, de obterem predios, em que installem os seus estabelecimentos;

d) Uma avalanche de execuções por creditos hypothecarios sobre propriedade urbana, determinada pela necessidade, em que se encontram os credores, de procurarem salvar a tempo os seus capitaes;

e) A provavel emigração d'esses capitaes que ascendem a milhares de contos;

f) Uma crise de falta de trabalho — que já se manifesta — para os operarios das 4 classes das construcções civis, e bem assim uma outra crise para os negociantes de materiaes de construcção.

Parece, pois, a esta Associação:

1.º Que não devem ser obrigatorios os contractos escriptos de arrendamento para os alugueres até 5$000 reis mensaes.

2.º Que devem ser respeitados os direitos adquiridos por contractos celebrados anteriormente á data da lei.

3.º Que o pagamento da renda deverá ser feito como se combinar entre o inquilino e o senhorio.

4.º Que os mappas relativos aos predios arrendados por anno sejam entregues no fim de cada anno civil.

5.º Que deve ser modificado o § 6.º do art. 2.º.

6.º A indemnisação indicada no art. 33.º deve ser modificada por fórma a definir melhor a valorisação do predio pelo inquilino; pois que é excessiva a que se acha estabelecida no mesmo artigo. Além do que o § 4.º do mesmo artigo deve ser eliminado.

7.º Quanto ao art. 34.º e seu §, podendo dar-se o caso de o predio augmentar consideravelmente de valor por melhoramentos locaes ou pelo augmento de população, esse augmento não deve reverter quasi por completo a favor do inquilino, e por isso, deve ser admissivel fazer-se outro contracto de commum accordo.

A lei a que nos reportamos, tal como foi promulgada, não se adapta aos usos e costumes do Porto e do norte do paiz, e da sua execução não podem deixar de resultar grandes prejuisos tanto para os inquilinos como para os proprietarios d'esta cidade. Cumpre prevenil-os, suspendendo sem demora a execução do mencionado decreto, até que o paiz ácerca d'elle se pronuncie claramente pela voz dos seus representantes no parlamento.

Assim, esse decreto carece de ser suspenso ou modificado, por não convir aos interesses da nação, nem representar a sua vontade.

Isso pedimos,

Podem pedir o que quizerem. Como dizemos n'outra parte não estamos em republica. Estamos em pleno regimen de sobado africano. Aqui faz-se *o que elles querem*, os do governo provisorio em especial, e os da republica em geral. Elles não fizeram o regimen para a nação e em voz bem alta o declaram. São corridos á pedra e á batata os antigos monarchicos que cahem na asneira d'ir a Lisboa *prestar vassalagens* ao governo da republica. Proclama-se *guerra santa* contra o cacique. São transferidos e demittidos, sem dó nem piedade, não só os funccionarios monarchicos como os proprios funccionarios *indifferentes* que teem a desgraça de dever a sua nomeação a qualquer influente do antigo regimen. São admittidas á *matricula* republicana, junto das commissões municipaes dos varios concelhos do paiz, apenas as *caras* que agradam á demagogia. E assim por deante. Isto não é republica, outra vez o dizemos. Isto é um sobado das plagas africanas. Por conseguinte, peçam os proprietarios, ou quem fôr, o que quizerem, que em elles dizendo, elles, os nossos patrões . . . está dicto.

Mas vamos ao segundo documento, á carta interessante que nos dirige um dos nossos leitores.

Reparem, que é elucidativo:

Conheço um individuo de toda a confiança a quem succedeu o que passo a narrar.

Vive este sugeito n'uma quinta a dois kilometros de distancia d'uma villa onde ha notario, auctoridades administrativas e de fazenda, etc.

A 10 kilometros de distancia está a cidade, cabeça de districto, onde o dicto individuo tem um predio, arrendado a uns 13 inquilinos, cujas rendas variam de 1$000 a 3$000 reis.

Acontece agora que o dito individuo, que é avançado em edade, tem de encarregar pessoa idonea de lhe tratar d'estes arrendamentos (antigamente bastava-lhe um creado).

Sahiu portanto o encarregado, um dia de manhã cedo, para a cidade, a comprar os impressos (na villa não os ha) e arranjar as assignaturas dos inquilinos — 39 papeis assignados com 2 testemunhas para cada papel; cada um quiz testemunhas especiaes, o que perfez o numero de 117 assignaturas.

Voltou o encarregado já de noite; no dia seguinte teve de ir á villa com os 39 papeis para o notario reconhecer a assignatura do senhorio e das teatemunhas, 156 assignaturas! Ao terceiro dia voltou de novo á cidade para entregar o mappa (mais 2 assignaturas) e um dos papeis ao escrivão de fazenda e outro papel a cada um dos inquilinos, cujas assignaturas já tinham sido authenticadas, mais 37. Total 314 assignaturas, para receber mensalmente menos de 50$000 reis. As despesas sobem a 5$000 reis approximadamente, quando antigamente se dispendia 260 reis.

Para o maior legislador dos tempos modernos, devemos confessar que não é muito!

Porque não manda tambem o demonio do Affonso a lei do inquilinato, arvorada em *preciosa reliquia historica*, como o coupé 44, para o museu dos coches?

TARDE PIARAM!

Diz o nosso *velho amigo* Abel Botelho, — um de quem o bacoco mór João de Menezes me dizia as ultimas coisas, como homem de caracter, — n'um artigo da *Lucta*.

"Agora, que, com melhor ou peor criterio, tanto se fala em organisações milicianas, será bom não esquecer que foi a indisciplina, a desconnexão, a desordem, — filhas da ignorancia, — das antigas milicias portuguezas, que as afundaram nos ultimos degraus do descredito. Inutilisadas por completo como elemento efficaz de defeza, converteram-se, para os fazedores de satyras, farças e folhetins, n'um thema hilariante de ridiculo. E a tal ponto este commentcrio sarcastico se infiltrou na consciencia publica, tão intenso desprestigio trouxe e tão enervadora moleza fez alastrar pela nossa instituição militar, que, para a atalhar, tiveram de vir os Lippe e os Beresford applicar-lhe um cautério de aço.„

Tarde piaram sobre disciplina do exercito! Tarde piaram!

De resto, os Lippe e os Beresford hão de voltar.

Não se assustem!

DIABOLO

CHEGOU novo sortido d'este bonito entretenimento com o qual se fazem lindos e apparatosos exercicios.

CASA SENNA. — Salão de jogos
48, Rua Nova do Almada, 52 — LISBOA

Fogões Electricos
E MAIS APPARELHOS DE AQUECIMENTO
Arthur Gottschalk
ENGENHEIRO
Lisboa — **R. de S. Paulo, 103, 1.º**

Politica de repulsão

Diz na *Soberania do Povo* o sr. dr. Matheus Pereira Pinto, que sendo, incontestavelmente um homem sério, um homem de bem, honraria muito mais a Republica que innumeros bandalhos republicanos que todos conhecemos:

Continuando nas minhas considerações, quero declarar que, sendo liberal por convicção e tradições de familia, nunca militei no partido republicano, porque sempre entendi que a forma de governo, para fazer a felicidade de um povo, era uma circumstancia muito relativa, dependente de condicções varias de educação, de historia, de ilustração, etc., e que não pode ter uma solução absoluta o problema de «*qual será a melhor fórma de governo para os povos*». Era de opinião, e ainda sou, de que o povo portuguez estava muito longe de estar preparado para um regime republicano.

O que se tem passado, porém, n'estes ultimos annos na politica portugueza deu-me a convicção de que isto não podia nem devia continuar e que uma mudança era inevitavel e precisa.

Ora, como para traz se não deve andar, aceitei a nova solução republicana, ainda que, a meu ver, extemporanea, com a confiança de que com ella o paiz teria a lucrar.

Adheri então á republica...

Adheri na mesma occasião em que, em uma numerosa assembleia realisada em Aveiro, os representantes do antigo partido progressista do districto, dias antes dissolvido por determinação do seu sempre venerado e sempre honrado chefe, resolveram adherir — *leal e desinteressadamente*.

Paremos aqui um pouco.

Esta resolução tomada, creio que sem uma nota discordante, em uma reunião numerosa de pessoas illustradas e independentes e firmada com as proprias assignaturas em um documento que se resolveu ser publicado e levado ao governador civil para seu conhecimento official e do governo, com grande magua o digo, foi muito mal interpretada pelos poderes publicos e tambem por alguma imprensa republicana.

Motivou um escarcéo medonho. Teve, como resposta official — que o governo não aceitava adhesões collectivas e que quem o quizesse fazer teria de se inscrever isoladamente nos livros do registo do partido republicano!!!...

Pouco faltou para nos darem a resposta, que eu não classificarei, *para não usar de linguagem despejada*, que o governador civil de Bragança deu a um padre que lhe communicou a sua adhesão!!!... O que é certo é que, por esse motivo, fomos injuriados e insultados na costumada linguagem de certa imprensa republicana, que não é *despejada*, mas que nos obsequeia frequentemente com epithetos delicados entre os quaes os de *malandros* e *malandrins* e... de ahi para cima!!!...

Que singular comprehensão de psychologia dos outros!... Só a explico pela embriaguez da victoria recente, cujo fumo lhes subiu á cabeça.

Eu protesto aqui solemnemente contra o modo como foi interpretada e recebida a nossa adhezão.

Sem procuração dos outros, eu falarei sómente em meu nome, julgando, todavia, interpretar tambem o sentir e o pensar de todos os meus companheiros de desgraça.

Eu adheri á republica e com isso não quiz significar que, sendo na vespera monarchico, era no dia seguinte republicano. Isso seria uma indignidade.

Para bem da minha patria, eu quiz dar uma prova publica de que acatava o novo regime e de que lhe não levantaria difficuldades; que, nas actuaes circumstancias, esperava d'elle beneficios para o meu paiz; finalmente — que não reagia contra as novas instituições. Eu pensei que, n'aquelle melindroso momento, a adhesão, assim concebida, dos antigos partidos monarchicos, de todos ou da maior parte dos portuguezes, isolada, ou, melhor, collectiva, era um acto de alto patriotismo com o fim de facilitar aos poderes constituidos, com esse argumento, a consolidação do novo regime, o reconhecimento pelas potencias estrangeiras da Republica portugueza. Se os antigos monarchicos, em vez de adherirem, tivessem reagido estrondosamente, eu pergunto ás pessoas sinceras se as coisas, no principio da implantação das novas instituições, teriam corrido tão bem. Eu perguntaria tambem ao Governo Provisorio (caso elle podesse responder-me) se o facto do socego completo do paiz, após os dias revolucionarios, ou, em outros termos, se a adhesão tacita ou declarada, isolada ou collectiva, lhe não serviu de argumento poderosissimo, e mesmo principal, para obter d'essas potencias estrangeiras o desejado reconhecimento, tão rapidamente, com o que tanto se orgulhou.

Esse resultado, tão feliz, foi menos devido aos esforços, ás qualidades diplomaticas do governo do que ao nobre e louvavel procedimento do povo portuguez. Foram as adhesões, concebidas

nos termos que expuz, que contribuiram poderosamente para aquelle facto verdadeiramente extraordinario.

Nós adherimos — dil-o a moção aprovada n'aquella assembleia e publicada — *leal e desinteressadamente.* Ninguem tem o direito de deturpar o sentido das palavras dos outros sem provas em contrario.

O regime extincto não pode voltar, embora a republica se não imponha ao espirito publico pelos processos de uma administração exemplar. Se ella se acreditar no conceito publico, o que muito desejo, eu, já velho e sem enthusiasmos, nada pretenderei, mas serei um leal e convicto republicano. Dos outros, que adheriram comigo, os que tiverem valor, energias e aspirações justas, poderão, mais tarde, procurar servir as instituições com que certamente se identificarão, aceitando d'ellas o proveito que os seus serviços merecerem.

Por agora, estou convencido, ninguem pretende antepôr-se aos direitos, que devem ser incontestados, dos chamados republicanos historicos que pelas novas instituições sacrificaram uma boa parte da sua vida e, alguns, da sua fortuna.

Mereceram recompensa que não deve negar-se-lhes; mas não colloquem em igualdade de direitos, contra os adherentes collectivos a quem chamarei — *não officiaes,* — os que, depois da victoria da republica, foram, com a cerviz dobrada, inscrever isoladamente os seus nomes nos registos republicanos.

Estes, a não ser os empregados publicos a quem a *actual liberdade* obriga a inscrever-se para não serem demittidos — *(se soumettre ou se démettre,)* — entendo que praticam um acto indecoroso de subserviencia despresivel, porque se suppõe interesseiro. E' verdade que está agora em moda dizerem estes adherentes, *bem aceites,* que denominarei — officiaes, — «*eu já era republicano ha muitos annos*». Ninguem tinha dado por isso, antes pelo contrario...

Para que é precisa a inscripção nos registos republicanos — imposição humilhante a que os poderes constituidos parece quererem obrigar os seus novos adeptos?

Para que os querem forçar a passar por essa especie de forcas caudinas?

Parece-me que isto é tudo quanto ha de menos democratico, de mais attentatorio da dignidade do cidadão, e mais tendente ao rebaixamento do proprio caracter que os republicanos dizem querer levantar.

Detestavel escola essa!...

Eu poderei, e desejo-o, vir a ser um republicano convicto e enthusiasta. Ninguem, creio eu, m'o poderá prohibir que seja absolutista, socialista ou anarchista. O que ninguem me obrigará jámais, a mim, que fui um antigo monarchico, é a ir, de chapeu na mão, de espinha curvada, inscrever o meu nome em taes registos. Ninguem me impedirá de ser um republicano verdadeiro, embora *não official.*

A que considerações se prestaria esta e outras *tiranias* do novo regime liberal, os insultos que nos dirigem, as perseguições que nos movem, as humilhações a que pretendem sujeitar-nos, dizendo sempre que o regime é tolerante, generoso e indulgente?!...»

O POVO DE AVEIRO

Vende-se

Aveiro—Kiosque Viuva Pereira, ao Côjo.

Lisboa—Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Ámaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente; Antonio Maria da Silva, largo de S. Domingos, junto ao Quartel General.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Cadaval — José Siopa. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem** — Vende-se nas ruas. **Coja** *(Arganil)* — Antonio das Neves Pimenta. **Castello de Vide** — Antonio Lourenço Beliz. **Villa Viçosa** — Luiz Fillippe d'Abreu. **Vianna do Alemtejo** — Manuel Costa.

Louzã — Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Coimbra** — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Gouvela** — Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria** — Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal** — Manuel Tavares. **Arronches** — Miguel Maria. **Certã** —Luiz da Silva Dias. **Santo Amaro (Oeiras)** — Francisco Mórem. **Mirandella** — Annibal Cunha.

Bragança—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira** — Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis** — Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Alemquer** — João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe** — Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada** —**S. Miguel** — Café Tavares. **Guimarães** — Antonio Lopes Martins. **Esmoriz** — Paulino Rodrigues d'Almeida. **Olhão** Antonio de Souza Gouveia. **Molta do Ribatejo** — Victorino Soeiro. **Evora**—Felicio & Correia, rua Nova, 9.

Povoa de Varzim — Marques & Carneiro. **Ilhavo** — Estabelecimento de Bernardo Razoilo. **Mira** — João Simões Marques da Cruz. **Estoy** *(Algarve)* — Fernando Martins

Vizeu — Kiosques do Rocio; **Espinho** — Kiosque Reis; **Chaves** — Annibal de Barros. **Villa Real** — Kiosque Trindade, **Alvorninha** — Paulino da Silva Mendes. **Estoril** — Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Seixal** — Profirio Ferreira. **Mangualde** — Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem** — Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul** — José Augusto d'Almeida. **Faro** — Francisco Matheus Fernandes **Cascaes** — José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea **Cortegana**, Alemquer — João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve) — Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas — João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja** — **Moura** — Manuel Frade. **Castello Branco** — Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo** — Fortunato Reinata. **Tondella** — Adelino Simões. **Pedrogam Grande** — João Antonio Fernandes. **Idanha a Nova** — Christiano Pereira Barata. **Ançã** — José da Costa Neves. **Braga** — Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa** — Francisco da Costa Carvalho. **Monsão** — João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel** — Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello — No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego** — Joaquim Valente. **Elvas** — Luiz Samuel da Silva. **Agueda** — Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã** — João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**— Antonio Ernesto Esteves. **Fundão** — Belarmino Barata **Guarda** — José da Silva. **Arganil** — José Baptista de Carvalho.

Empreza Cinematographica Ideal

Explorações cinematographicas. Unica empreza que tem o fabrico de fitas montado em Portugal nos seus magnificos *ateliers* do **Colleginho** e **Bom Sucoesso.**

—— 15, Loreto, 17 — LISBOA-PORTUGAL ——

Endereço telegraphico: — IDEALÃO

Aluguel e vendo de fitas e apparelhos. Completa montagem de animatographos exclusivos em Portugal das magnificas marcas de fitas *Vitagraph* e *Ambrosio.*

Nas Caldas da Rainha:
Tabacaria de José da Silva Dias.

BRAZIL

Rio de Janeiro — Livraria Schettino — Travessa do Ouvidor, 18; — Rua 1.º de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria — Rua do Ouvidor, 181; A. Moura — Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus — Agencia Freitas.

Santos — José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

Pará — Agencia Martins, T. Campos Salles, 15.

O antigo 606
Tisana depurativo ASSIS

Segundo o processo de Faro

Todo o Portugal, Africa e Brazil, ha 40 annos, conhecem os effeitos garantidos contra a syphilis, d'esta maravilhosa preparação.

Deposito geral
ASSIS & COMMANDITA
Rua dos Douradores, 32, 1.º — LISBOA

No Porto:
SANTOS & SANTOS — Rua das Flôres, 36

FRASCO	6 FRASCOS
1$000 réis	5$400 réis

Aguas
CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:
26, Rua Mousinho da Silveira, 28
PORTO

HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:
RAMIRES & C.ª
— Praça da Batalha — PORTO —

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

Preços diarios, a começar em 1$200 réis

RECOMMENDA-SE O
PAPEL PARA CIGARROS
ESTRELLA
ALCATRÃO ESPECIAL

A VENDA EM TODA A PARTE
CADA LIVRO 10 RS

J. WIMMER & C.º
LISBOA

LOTERIA
DA
Santa Casa da Misericordia de Lisboa

RÉIS
260:000$000

Extracção a
23 de dezembro de 1910

BILHETES
a 100$000 réis

VIGESIMOS
a 5$000 réis

A thesouraria da Santa Casa incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 o/o de commissão.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 24 de novembro de 1910.

O thesoureiro.—*L. A. de Avellar Telles.*

RECAM CIMENTO
IMPERIAL
CIMENTO PORTLAND SUPERIOR
IMPERIAL
Hoje o melhor
Insistir n'esta marca
VENDE-SE EM TODO O PAIZ

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Gulescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res
Rua da Picaria, 59—PORTO
Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º — LISBOA
TELEPHONE: 2378
Rua de Santa Catharina, 32, 1.º — PORTO

FARINHA LACTEA NESTLÉ
Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

AGENCIAS DE ANNUNCIOS
— DO —
POVO DE AVEIRO

Lisboa
L. de S. Domingos 20
JUNTO Á CALÇADA DO GARCIA

Porto
P. de D. Pedro, 9 e 10
TABACARIA TEIXEIRA

Bebam as Aguas Medicinaes
DO
CASTELLO DE MOURA

Os que soffram de HERNIAS (QUEBRADURAS) e as senhoras que tambem soffram de dilatação do ventre, descida e queda do utero, rim movel, eventrações, obesidade, etc., não devem deixar de ler o folheto illustrado, com mais de 80 gravuras, A HERNIA E A VERDADE SOBRE A SUA CONTENÇÃO, que se envia GRATIS a quem o requisitar ao orthopedico M. MARTINS.

170, RUA DA MAGDALENA, 172
Em frente da Rua de Santa Justa — LISBOA

Polpa Melaçada

E' hoje o alimento, por excellencia, preconisado para alimento dos cavallos, vaccas, porcos, ovelhas, etc., etc.

Unico importador para Portugal, Colonias e Brazil
Antonio Rosado Caeiro = Rua Augusta 240, 1.º - LISBOA

Vendas por grosso e retalho:
Rua do Amparo, 1 — Rua Nova do Almada, 98
Calçada do Marquez de Abrantes, 64

ACCEITAM-SE AGENTES EM TODAS AS TERRAS DE PROVINCIA

"Cosmopolia,,

Revista mensal illustrada de litteratura internacional.

Redactor em chefe:

HOMEM CHRISTO, FILHO

Escriptorios da Redacção e Administração, da secção editora em todas as linguas, da organisação de traducções, salões de exposição e conferencias, gabinete de leitura contendo alguns milhares de volumes das litteraturas italiana, hespanhola, brazileira, portugueza, ingleza, turca, persa, allemã, hollandeza, japoneza, russa e revistas e jornaes de todo o mundo.

Séde provisoria:

Faubourg Poissonière, 111 — Paris

Com o concurso e collaboração effectiva dos mais eminentes escriptores e artistas da Europa e America, começará a publicar-se em janeiro de 1911 a **Cosmopolia,** que tem por fim tornar conhecidas e apreciadas em França as litteraturas extrangeiras, para o que consagrará cada numero a um determinado paiz do mundo, contribuindo tambem para o desenvolvimento da moderna litteratura franceza, facultando as suas columnas a todos aquelles que, ainda novos e ignorados do grande publico, se imponham, no emtanto, por um verdadeiro e solido talento litterario.

Cosmopolia será simultaneamente um grande *magazine,* contendo secções desenvolvidas sobre a vida mundana em todas as capitaes importantes, sobre modas, sports, etc., e estudos profundos sobre todos os assumptos que hoje preoccupam o espirito humano.

O 1.º numero a sahir em janeiro proximo, será dedicado a Portugal, revelando ao mundo o que é o nosso paiz sob todos os pontos de vista e analysando as transformações politicas porque acaba de passar e os planos do novo governo.

Este numero, destinado certamente a um largo successo, contém collaboração dos vultos mais eminentes da politica mundial e entrevistas sensacionaes.

Dadas as proporções colossaes que teem attingido os pedidos do 1.º numero, enviados de toda a parte, a Administração de **Cosmopolia** vê-se forçada, para regular a tiragem, a inscrever desde já os nomes d'aquelles que desejarem obtel-a.

Locaes de inscripção:

Em Paris: Faubourg Poissonière, 111.

Em Portugal: *Lisboa*—Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro.

Porto—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro.

Coimbra—Livraria F. França & Armenio Azevedo.

Aveiro—Redacção do *Povo de Aveiro.*

ASSIGNATURAS

França: Anno—Serie de 12 numeros, 35 francos.

Extrangeiro: Anno — Serie de 12 numeros, 37 francos. America do Sul, uma serie de 12 numeros, 40 francos.

Agua da Curía

Semelhante á de
CONTREXÉVILLE

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano

Experimentae a
AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em LISBOA — **Humberto Bettino**

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 31-H — TELEPHONE 3035

Typographia a vapor
— DE —
O POVO DE AVEIRO

TRABALHOS COMMERCIAES

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.ª*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkhardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS — AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento